

AVC p2

• 3 JAN 1988

Cuidado com o mosquito

Desde a campanha, memorável campanha, das "diretas já", acostumamo-nos à idéia de que eleições podem resolver problemas econômicos, ainda que sejam eles, como os problemas do Brasil, muito mais complexos do que aqueles tipificados na teoria econômica. Há fundamentalmente uma causalidade cultural na base das disfunções da nossa economia. A incapacidade de se gastar só o que se tem, de distinguir entre bem público e bem privado, de tomar decisões inspiradas só no interesse público são algumas das patologias culturais que deformam o caráter do processo político brasileiro, veteizando a crise econômica. Não cremos que eleições resolvam este problema, assim como a ditadura não o resolveu, antes o agravou. Talvez sucessivas eleições possam, ao fim de um longo tempo, depurar e aperfeiçoar as relações políticas, fazendo-as instrumento de uma revolução cultural restauradora.

Para este ano, a perspectiva da eleição não nos aponta um caminho salvador. No contexto partidário atual, as eleições promoverão a alternância das mesmas pessoas no poder, todas elas antigas nos postos, nos métodos e nas promessas. Qual o líder político brasileiro, entre os que, inseridos no sistema, podem postular a Presidência, nos acena com uma idéia nova? Qual deles seria capaz de reduzir à metade a máquina burocrática e demitir milhares de funcionários públicos desnecessários? Qual deles seria capaz de impedir que as concorrências públicas con-

tinuem sendo uma farsa? Quem seria capaz de despojar-se do próprio poder deixando que a livre iniciativa se torne efetivamente livre? Qual deles seria capaz de dizer, para todo mundo ouvir, que a reforma agrária, nas condições atuais do Brasil, é apenas um slogan demagógico? Quem cortaria os juros, cortando antes o déficit público que os alimenta?

Os políticos brasileiros são simplesmente primários ou ideológicos. Uns e outros, por razões diversas, não têm uma compreensão nítida dos fenômenos políticos e econômicos. É claro que se trata, aqui, de uma generalização a partir da regra geral. Há homens notáveis também, mas a máquina os expurga. Eles não têm chance de ultrapassar os obstáculos da burocracia partidária para chegarem à candidatura presidencial. O fato de serem notáveis significa que não aceitam acordos dissonantes do interesse público. Dificilmente um conjunto de acordos capaz de viabilizar uma candidatura presidencial pode ser limpido e puro. Esta é a questão.

A Constituinte pode, entretanto, abrir uma porta. Basta radicalizar a transição, determinando que tudo recomece. Não só o mandato do Presidente, mas todos os mandatos e o próprio sistema partidário. As próximas eleições se realizariam ao amparo de partidos provisórios, constituídos sob exigências mínimas de tal forma a propiciar um espectro amplo de reorganização partidária. Dever-se-ia dificultar a formação de frentes mediante

exigências de fidelidade partidária. Os partidos devem ser homogêneos, identificáveis pela opinião pública. A associação transitória e conjuntural entre partidos é outra coisa, perfeitamente cabível nos regimes democráticos, mas ainda nos sistemas parlamentaristas. Mas cada partido deve ter sua própria identidade e um programa claro. Os programas não deveriam conter apenas princípios, que são comuns a todos, mas a estratégia. É pela estratégia, não só pelos ideais, que o eleitor pode fazer sua opção. E é também pela estratégia que se avalia a competência.

Sem o obstáculo da burocracia partidária, muitos homens notáveis que estão hoje à margem do processo poderiam se sentir atraídos pela oportunidade de servir ao País. O elenco de candidatos presidenciais seguramente se tornaria mais rico. Quem sabe não estariam assim mais próximos de uma saída?

Se, porém, o leque não se abrir e a disputa ficar restrita aos quadros que conhecemos, as eleições nada resolverão. Haverá apenas alternância de nomes conhecidos, presos, às mesmas idéias antigas e aos mesmos interesses menores. Sai um grupo, entra outro grupo, mas nada muda. Salvo se, como nas eleições de Vila Velha, o povo resolver eleger um mosquito. Não menos-prezemos a capacidade de reação de quem está desiludido e exausto. Um mosquito humano qualquer pode de repente ser eleito. Ai será tarde. Todo o esforço para o reordenamento constitucional terá sido em vão. Um golpe porá tudo a perder.